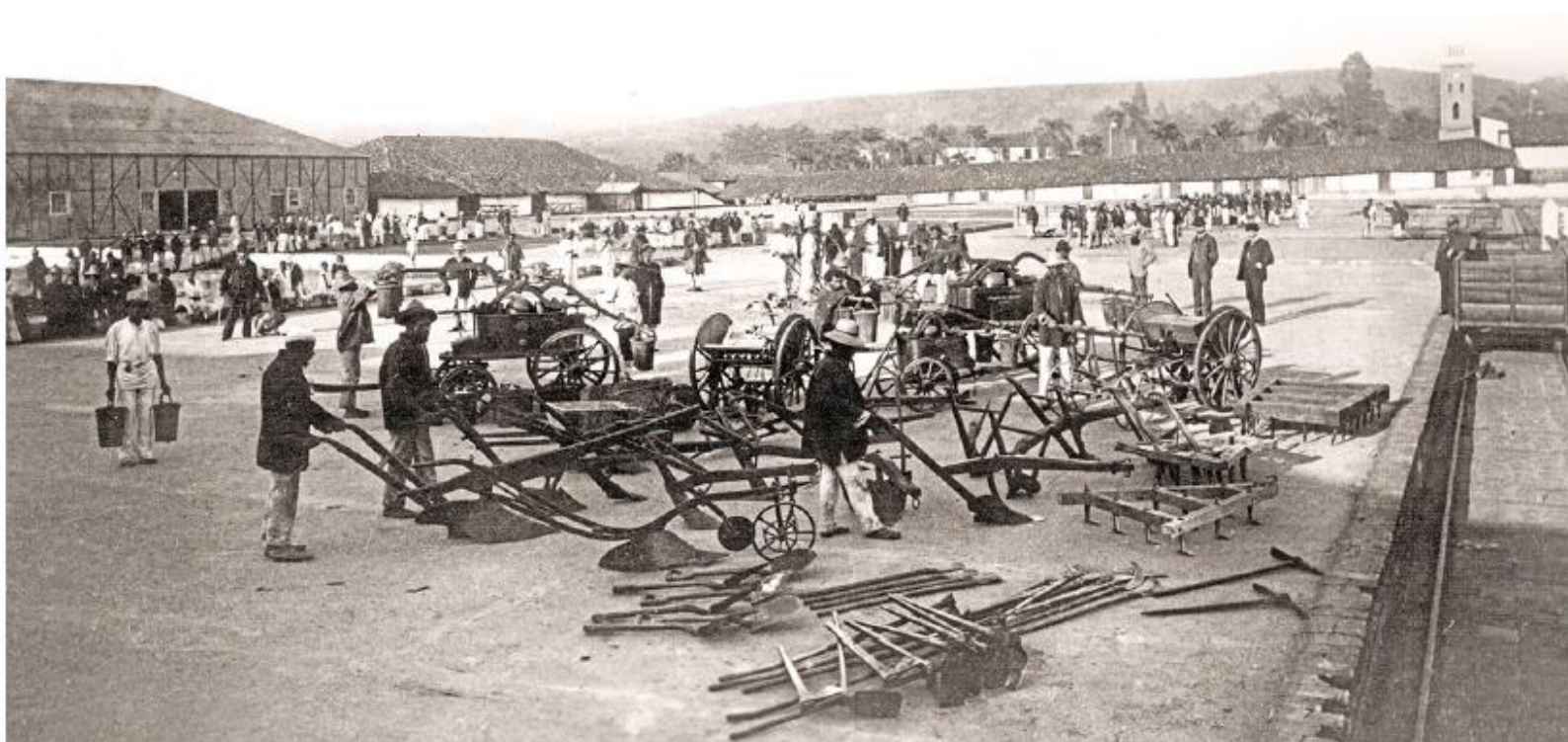


Revista mantida por grupos de pesquisa em História sediados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e na Universidade Regional do Cariri (URCA), especializada na publicação de capítulos de revisão e resenhas de livros de História e Memória.



Banco Digital do Carlota Schmidt Memorial Center. s/d, Autor desconhecido | Imagem ([Mendes, 2017⁶⁰](#))

Estruturas da exclusão – Resenha de A reprodução do racismo: fazendeiros, negros e imigrantes no oeste paulista de 1880-1914, de Karl Monsma

Igor Evangelista dos Santos

Resumo: *A reprodução do racismo:* fazendeiros, negros e imigrantes no oeste paulista de 1880-1914, de Karl Monsma, objetiva compreender a reprodução do racismo no pós-Abolição. Aponta-se omissão sobre o papel das firmas imigrantistas. Destacam-se rigor metodológico, base empírica sólida e análise das dinâmicas raciais regionais.

Palavras-chave: racismo; imigração; pós-Abolição; Oeste paulista.

A obra *A reprodução do racismo: fazendeiros, negros e imigrantes no oeste paulista de 1880-1914* (2016), de Karl Monsma (UFRGS) tem o objetivo de compreender os novos padrões de reprodução do racismo após a abolição da escravatura no Brasil, a partir da análise das relações sociais entre fazendeiros, negros e imigrantes no oeste paulista, nas primeiras décadas após a abolição. A obra está estruturada com um tópico introdutório, notas sobre as principais fontes, seis capítulos de desenvolvimento e um último tópico de conclusões.



Karl Martin Monsma é doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP) e em antropologia social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e mestre em Sociologia pela University of Michigan professor da mesma área na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Entre seus escritos, percebe-se uma predileção por temas como migração, racismo e identidade étnica. Para além disso, Monsma se dedica à Sociologia histórica, teoria social e ao estudo de métodos de pesquisa.

Em seu primeiro capítulo, Monsma apresenta o quadro teórico-metodológico elucidando as principais unidades conceituais utilizadas na pesquisa. Dessa forma, os conceitos de “raça”, “racismo”, “racialização”, “*habitus* racial”, “etnicidade”, entre outras categorias adjacentes, são discutidos e posicionados na compreensão do autor sobre a reprodução do racismo. Em grande medida, abordagem do autor está situada em pressupostos da sociologia bourdieusiana, observando o papel de instituições, representações e ideologias, além do *habitus* racial de diferentes grupos que compõem a sociedade.

No capítulo seguinte, o autor dedica-se a contextualizar as configurações dos processos de abolição nas Américas, tecendo uma relação com a especificidade do processo no interior paulista. Nesse contexto, Monsma demonstra como racismo está amplamente introjetado nos países americanos, especialmente naquelas sociedades formadas por contingentes significativos de descendentes de europeus e africanos. Esse percurso não desconsidera as particularidades de cada caso; na verdade, o argumento central do autor é que uma compreensão efetiva do processo de reprodução do racismo perpassa a análise minuciosa de fatores regionais, de como se configuraram as relações entre negros e brancos nas primeiras décadas do pós-Abolição.

Observada a necessidade de analisar os casos particulares, em seu terceiro capítulo, Monsma direciona sua análise para discutir as relações entre negros e brancos brasileiros no interior paulista. O argumento central é a existência de ressentimentos e temores dos brancos e das elites locais em relação aos negros. Esses sentimentos, para o autor, resultam da intensificação de revoltas, lutas e fugas dos negros escravizados nos anos que antecederam a Abolição. Para Monsma, isso fez com que, findo o cativeiro, os negros libertos fossem “malvistos” perante as elites e brancos locais, que passaram a defender medidas coercitivas para subjugação e até vingança contra os libertos, estabelecendo um clima de animosidade entre esses grupos sociais.

O quarto capítulo é dedicado à relação entre imigrantes europeus e brancos/elites locais. O autor explica que, com a Abolição, a imigração de europeus, especialmente italianos, tornou-se a forma mais recorrente de recrutamento de mão de obra para as fazendas de café. Contudo, para Monsma, há um elemento conflitante na estruturação dessa relação, ocasionado pela dificuldade das elites em lidar com o trabalho livre. Nesse sentido, o autor argumenta que existia uma tendência, entre os proprietários do Oeste paulista, de tratar o

imigrante como escravizado, o que gerou profundos embates, sobretudo a respeito do cerceamento dos imigrantes de se demitirem antes da finalização do contrato de serviço.

No quinto capítulo, Monsma investiga a relação entre imigrantes e negros, enfatizando o caráter simbólico desses conflitos. O autor argumenta que muitos dos imigrantes que chegaram ao Brasil eram, fundamentalmente, pobres e analfabetos, possuindo pouco contato com os debates intelectuais sobre a superioridade racial branca que dominavam o debate público. Entretanto, no convívio com a realidade brasileira, os imigrantes internalizavam o *habitus* racial dos brancos em relação aos negros. Segundo Monsma, isso ocorreu em razão de disputas simbólicas vigentes, isto é, por ocuparem posições semelhantes às dos negros e, muitas vezes, serem tratados de forma similar, os imigrantes europeus esforçavam-se para se diferenciar dos negros, apropriando-se dos símbolos da branquidão e reivindicando superioridade racial.

No sexto e último capítulo, Monsma aponta como as diferenças entre imigrantes e negros, evidenciadas nas primeiras décadas após a Abolição, se estruturaram em desigualdades raciais profundas ao longo do desencadeamento histórico. Para o autor, o surgimento de uma elite imigrante, com forte perspectiva de solidariedade étnica, associado à construção de redes sociais significativas, favoreceu os imigrantes na prosperidade econômica e social. Por outro lado, a população negra, que não articulou, na mesma medida, redes sociais e inserção enquanto elite, distanciou-se dos processos de mobilidade social.

Dentro desse apanhado, é conveniente encaminhar algumas considerações sobre a obra de Karl Monsma. Para tal, a resenha de Petrônio Domingues – "Um triângulo contencioso: negros, brancos brasileiros e imigrantes", publicada em 2017, pela revista Afro-Ásia da UFBA – fornece um excelente fio condutor para nosso exercício crítico. Domingues destaca, entre as várias contribuições da obra de Monsma, o esforço do autor em realocar a importação de imigrantes para além do ideário de branqueamento vigente. Isto é, para Domingues, Monsma aponta a importação de imigrantes como parte do ideário de branqueamento; contudo, elege como sustentáculo do processo os interesses econômicos dos fazendeiros paulistas, que nutriam a expectativa de que a imigração tornasse abundante a oferta de braços, pressionando o preço da mão de obra e contribuindo para disciplinar os trabalhadores locais, fundamentalmente negros.

Nesses termos, mantemos plena concordância com apontado por Domingues. De fato, a análise de Monsma amplia a percepção da imigração como um produto de múltiplos interesses. Contudo, entre esses interesses, é necessário destacar o das firmas imigrantistas, naquilo que Clóvis Moura chamou de "o segundo tráfico" (Moura, 2019, p. 129). Ou seja, as companhias de colonização que lucravam com o subsídio do Estado para garantir a importação da mão de obra imigrante. Essas firmas, detentoras de um grande poder econômico, atuavam em nível institucional e ideológico – a partir desvalorização do trabalhador nacional – para manter o fluxo de imigrantes da Europa para o Brasil. Nesse sentido, enriqueceria a obra de Monsma discutir, para além da tese do branqueamento e dos interesses dos fazendeiros do Oeste paulista, o papel das firmas imigrantistas na consolidação do fluxo migratório e na disseminação do ideário de rejeição ao trabalhador nacional.

O ponto anterior não diminui, em sentido algum, o trabalho de Karl Monsma. Sua obra elucida as complexidades das relações raciais no Oeste paulista, demonstrando diferentes configurações raciais entre brancos, imigrantes e negros. Destacamos ainda o forte caráter empírico da obra, que trabalha com uma massa documental considerável e distinta em termos de tipologia (autos penais, correspondência policial, dados demográficos, cartas, artigos de jornais, entre outros). Monsma demonstra rigor e fôlego ao analisar toda essa

documentação, contextualizando os atravessamentos sociais e políticos da produção desses documentos.

Nesse sentido, a obra de Monsma cumpre seu objetivo central. *A reprodução do racismo: fazendeiros, negros e imigrantes no oeste paulista de 1880-1914* (2016) demonstra as novas formas de reprodução do racismo após a Abolição, bem como a internalização desse fenômeno pelos imigrantes europeus, evidenciando os conflitos simbólicos entre brancos brasileiros, imigrantes e negros. Consideramos a obra um estudo fundamental sobre as relações raciais no Brasil, que deve ser tomada como referência por pesquisadores e pesquisadoras das ciências humanas e sociais que se dedicam a estudar as diferentes configurações do racismo brasileiro.

Referências

MONSMA, Karl. *A reprodução do racismo: fazendeiros, negros e imigrantes no oeste paulista, 1880-1914*. São Carlos: EdUFSCar, 2016. 368 p. Resenha de: DOMINGUES, Petrônio. Um triângulo contencioso: negros, brancos brasileiros e imigrantes. *Afro-Ásia*, n. 5, p. 281-288, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/770/77053028010/movil/>. Acesso em: 10 nov. 2015.

MONSMA, Karl. *A reprodução do racismo: fazendeiros, negros e imigrantes no Oeste paulista, 1880-1914*. EdUFSCar. São Carlos, 2016.

MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. 2 ed. Editora Perspectiva. São Paulo, 2019.

Sumário

Abreviações

Introdução

Notas sobre as principais fontes pesquisadas

1. A natureza do racismo e a persistência da dominação racial

2. O pós-abolição na América e no interior paulista

3. Rebelião de escravos e libertos, medo e vingança dos brancos

4. A experiência dos imigrantes

5. Conflitos simbólicos, consequências mortais: as relações entre imigrantes e negros

6. A desigualdade racial crescente

Conclusão

Fontes e bibliografia

Dados do autor

Resenhista



Igor Evangelista dos Santos é mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe (PROHIS/UFS) e bolsista da Fundação Capes. ID Currículo LATTES: <https://lattes.cnpq.br/3123751025682634>; ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-3201-0470>; redes sociais: @ig.or_lopes; e-mail: igorsantos.academico@gmail.com.

Para citar esta resenha

MONSMA, Karl. A reprodução do racismo: fazendeiros, negros e imigrantes no Oeste paulista, 1880-1914. EdUFSCar. São Carlos, 2016. 368 p. SANTOS, Igor Evangelista: Racismo em reprodução no Oeste paulista. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 6, n. 27, p. 40-44, jan./fev., 2026.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).